

OS DOIS CIRCUITOS URBANOS DA ECONOMIA DO AÇAÍ NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM: Dinâmica histórica e configuração atual

Luz Marina Lopes de Almeida¹
Danilo Araújo Fernandes²
Ana Claudia Duarte Cardoso³

RESUMO

De uma cidade primaz integrada com o interior da Amazônia através de rios, a Região Metropolitana de Belém (RMB) emerge nas últimas décadas como um importante elo de interligação entre as cidades ribeirinhas do interior do estuário amazônico e os centros urbanos nacionais e internacionais de produtos regionais. Objetivando aprofundar os estudos sobre essa atual dinâmica de expansão das relações de centralidade da economia urbana da RMB, busca-se nesse trabalho avançar numa caracterização dos chamados circuitos espaciais produtivos de um dos principais produtos que simbolizam o contexto atual de complexificação da economia urbana da RMB no cenário regional, nacional e internacional de produtos da biodiversidade amazônica: o açaí.

Palavras-chaves: Circuito Inferior, Região Metropolitana de Belém, Economia Urbana, Açaí.

ABSTRACT

Of an integrated primate city with the interior of the Amazon through rivers, the metropolitan area of Belém (RMB) emerged in recent decades as an important link of interconnection between the riverside cities of the Amazon estuary and national and international urban centers products regional. Aiming to further study this current dynamic expansion of relations centrality of Urban RMB economy is sought in this work forward a characterization of so-called productive spatial circuit one of the main products that symbolize the current context of complexity of Urban RMB economy the regional, national and international scene o biodiversity of the Amazon products : acai

Keywords: Lower circuit, metropolitan region of Belém, Urban Economics, Açaí.

Área temática: Economia

¹Mestranda do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da UFPA.

²Professor e pesquisador da Faculdade de Economia, do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) e do Programa de Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU-NAEA) da UFPA.

³Professora e Pesquisadora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU) e do Programa de Pós-graduação em Economia (PPGE) da UFPA.

1 – INTRODUÇÃO

A Região Metropolitana de Belém (RMB) apresenta especificidades próprias de sua função como metrópole regional na Amazônia. Aspectos ligados ao papel histórico da cidade de Belém como nó central de uma rede dendrítica (CORRÊA, 1987) transformaram a região e seu entorno em um dos principais mercados estruturadores da dinâmica econômica amazônica durante séculos. De acordo com Corrêa (1987) após a década de 1960, no entanto, teve início uma mudança significativa neste padrão de organização concentrada da rede urbana na Amazônia. Esta mudança estaria associada ao novo papel que a região assumiu na nova divisão territorial do trabalho, com sua incorporação definitiva ao processo geral de expansão capitalista no Brasil (PEREIRA, 2006; CORRÊA, 1987).

Dessa forma, de uma cidade primaz integrada com o interior da Amazônia por meio de rios, ressalta-se que Belém sofreu, durante o último quartel do século XX, perda parcial de suas funções historicamente constituída de centralidade regional na Amazônia Oriental brasileira. Isto se deu na medida em que os novos eixos de integração nacional permitiram uma maior articulação e crescimento das demais capitais dos estados amazônicos (como Porto Velho, Rio Branco e Palmas), e de cidades médias dentro do próprio interior do Estado do Pará (como Marabá, Santarém, Altamira, Parauapebas, Paragominas e Castanhal). Tal situação foi fortalecida nas últimas décadas quando os transportes rodoviário e aéreo foram apresentados como alternativa mais rápida ao transporte fluvial, que até então fora a principal via de acesso da região ao mercado nacional e internacional. Sendo assim, Belém teve seu papel histórico de nó dendrítico, com centralidade única na Amazônia Oriental, modificado e fragilizado pelos impactos da expansão da fronteira industrial, agropecuária e mineral e sua relação com o crescimento de um conjunto significativo de cidades médias e novas regiões metropolitanas na região. Um movimento que acabou por estimular, por um lado, a criação de novos centros urbanos que se tornaram “base logística” no processo de ocupação da chamada “fronteira urbana” amazônica (BECKER, 1982, 1985; MACHADO, 1992; MITSCHIN, 1989).

Por outro lado, e indo no sentido contrário à esta interpretação mais genérica do processo de dispersão produtiva e integração da Amazônia ao território nacional, alguns autores mais recentemente têm ressaltado o papel da forte rede de relações mercantis tradicionais que se mantém, apesar das mudanças apontadas, servindo como elo de interligação entre a RMB e seu entorno imediato de cidades e regiões ribeirinhas mais próximas. Conexões que sustentam os históricos através do abastecimento de uma forte e pujante rede de economia popular e urbana na capital (MONTENEGRO, 2014). Uma realidade que, inclusive, parece ter se fortalecido nas últimas décadas com a nova dinâmica territorial impulsionada pela integração da economia amazônica ao mercado nacional e internacional de produtos regionais.

Neste contexto, além da dimensão complexa da cidade primaz como base exportadora em sua relação histórica com o interior da Amazônia, Belém acumulou recentemente novo papel de centralidade a partir dessas novas dinâmicas territoriais, tendo em vista as conexões regionais, nacionais e internacionais que se intensificam com a incorporação de serviços mais sofisticados impulsionados pelo processo de nacionalização e internacionalização da economia regional. Produtos tradicionais como açaí, por exemplo, começam a se expandir em meio ao crescimento do mercado, ao mesmo tempo em que fortalece os circuitos tradicionais de produção e comercialização com as regiões ribeirinhas. Como um todo, observa-se uma diversidade de papéis que surgem na cadeia produtiva do açaí, e que convergem com a formação de uma nova economia urbana que se articula por dentro e no entorno do crescimento da RMB (SANTOS 2008).

Sendo assim, como ponto de partida teórico da análise que se pretende fazer aqui mais ampla sobre as dimensões territoriais e os reflexos da economia do açaí sobre a região do estuário amazônico sob a influência da RMB, utiliza-se das categorias dos *dois circuitos* de comercialização, conforme nomenclatura criada por Milton Santos (2008), aplicando-a a análise territorial da economia do açaí e o papel dos circuitos espaciais produtivos no entorno da RMB. Destaca-se neste

sentido o novo papel que assume a RMB como elo estruturador de dois circuitos de comercialização do açaí: em nível local e para exportação. O objetivo será demonstrar em última instância a importância da conexão entre estes circuitos como elemento estruturador do território e do atual perfil socioeconômico, espacial e urbano da RMB. O artigo apresenta uma discussão inicial sobre o papel da RMB num cenário de expansão e complexificação da rede urbana na Amazônia Oriental brasileira; em seguida são apresentados os elementos teóricos e os principais agentes responsáveis pela dinâmica territorial em curso na região metropolitana, assim como o desenho de sua configuração como parcela de uma economia urbana que se estrutura por meio de circuitos espaciais produtivos relacionados à economia do açaí.

2 – A FORMAÇÃO HISTÓRICA DA METRÓPOLE BELÉM E OS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA DO AÇAÍ

A abordagem da questão urbana ou dos estudos de rede urbana brasileiros normalmente é pautada pelos processos de metropolização, industrialização, reestruturação produtiva do campo e migração campo-cidade, com algumas concessões sobre diversidades regionais, na medida em que existam dados capazes de capturar tais diversidades disponíveis para todo o território nacional. Santos (1993) destaca a origem comum dos processos de desconcentração produtiva e do movimento de metropolização, a partir dos anos 1970 e 1980, graças ao crescimento econômico e populacional observado nas cidades médias, que constituíram um nível intermediário de centralidade urbana, que, no decorrer das décadas seguintes, evoluiu para a constituição de novas regiões metropolitanas e aglomerações urbanas por todo o país.

Santos (2008) argumenta que esse fenômeno gerou uma nova configuração territorial, decorrente da reestruturação urbano-industrial, constituída pela desconcentração sócio espacial, que não implicou em perda de centralidade das metrópoles já existentes. A dispersão de unidades produtivas (industriais) ocorreu, mas não foi acompanhada pela dispersão do controle do capital, que continuou baseado na metrópole (LENCIONE, 1994; TRINDADE JR, 1998). Nesse novo arranjo as cidades médias ampliaram suas funções e importância, sem prejuízo das regiões metropolitanas, que mantiveram suas áreas de influência graças à convergência espacial promovida pelo capital industrial e financeiro em crescente valorização. Na prática, novas áreas urbanas e periurbanas foram incorporadas ao processo de metropolização, que dessa forma criou uma paisagem de aparente desmetropolização, na medida em que tipologias típicas dos grandes centros metropolitanos passaram a ser identificadas em interstícios entre cidades e em cidades menores.

Observa-se a tendência dos espaços metropolitanos de tornarem-se centros difusores de atividades de comércio e serviço em escala nacional e regional, concomitante ao crescimento da população de cidades médias sob sua área de influência. Tal tendência se mantém no caso de Belém, em relação à Amazônia Oriental, visto que, apesar da perda de funções produtivas ocorridas na RMB, e da consolidação de novas regiões metropolitanas na região, beneficiou-se da ascensão de cidades médias como Santarém, Paragominas e Marabá, valendo-se de suas conexões financeiras e logísticas nacionais e internacionais.

Contudo, observa-se um duplo movimento que coloca a expansão da fronteira e a redefinição da área de influência da RMB como verso e reverso da mesma moeda. A metrópole Belém foi historicamente nó de integração entre mercado regional e externo, primeiro apoio para a difusão de hábitos de consumo de produtos oriundos da Europa, e posteriormente já como RMB e após a integração logística da região ao restante do país, contribuiu para a formação de mercado para os produtos oriundos do Sudeste brasileiro, cumprindo função típica de metrópole do âmbito do sistema capitalista. Contudo, os novos eixos de integração rodoviária também constituíram “base logística” para a exploração de recursos naturais da região (BECKER, 1982, 1985; MACHADO, 1992; MITSCHHEIN, et. al., 1989). Tal processo sempre teve como foco commodities (minério, grãos, gado), madeira, energia, produtos de interesse para a operação do circuito superior da economia urbana e de grande importância para o equilíbrio da balança comercial brasileira.

Contudo, produtos associados à biodiversidade da região, neste artigo representados pelo açaí, também estão inseridos nesse processo. A vinculação de sua produção e consumo ao circuito

inferior da economia urbana o coloca em um patamar de invisibilidade estatística quando comparado aos produtos clássicos de exportação da região, que requer compreensão de processos migratórios, práticas informais, e hábitos sócio-culturais que ainda que tardiamente indica aos desavisados que a Amazônia não era despovoada como dizia o slogan do governo federal dos anos 1970, “terra sem homens para homens sem terra”.

2.1 – A desestruturação da dinâmica territorial regional e o fortalecimento da centralidade da economia popular e urbanada RMB

O massivo fluxo migratório direcionado para a Região Norte a partir dos anos 1970, teve seu primeiro destino nos assentamentos rurais, grandes obras de infraestrutura logística e projetos de exploração mineral. Todas ações com financiamento externo que, após as mudanças nas taxas de juros motivadas pela crise internacional do petróleo tiveram sua continuidade inviabilizada (ARAÚJO, 1999). Paralelamente aos grandes investimentos federais em áreas rurais, o Ministério do Interior e o Serviço Brasileiro de Habitação e Urbanismo (SERFHAU) assumiram as ações de diagnóstico, planejamento e capacitação técnica relativa ao processo de urbanização e de expansão das cidades na Amazônia (Ministério do Interior/SERFHAU, 1972), e o Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) formulou uma proposta de Urbanismo Rural para apoio dos assentamentos rurais implantados na área de influência da rodovia Transamazônica (CAMARGO, 1973).

Essas iniciativas tiveram vida curta e pouca efetividade sobre a condução de políticas territoriais na região, abandonadas até a metade da década de 1970, quando todo o aparato de planejamento foi substituído pela operação do sistema habitacional através do Banco Nacional de Habitação. No âmbito regional houve redução da agenda do governo federal em andamento no Pará às áreas estratégicas, com foco no equilíbrio da balança comercial e ampliação do potencial energético do país, durante a década de 1980.

A população migrante liberada das atividades rurais e das grandes obras passou a circular no território e gradativamente elegeu a capital como local de destino, iniciando um processo de redirecionamento do fluxo migratório, originalmente destinado às áreas afetadas pelos projetos federais no interior do Estado do Pará, para a região metropolitana. A função da Amazônia Oriental de receptáculo de mão de obra foi estimulada, entre outros aspectos, pelo processo de expansão da fronteira agropecuária nacional, caracterizado por alto grau de concentração fundiária, oferta de financiamento público e pela modernização conservadora no campo (COSTA, 2012). A industrialização do país, sem uma clara proposta para o setor agrícola da região, resultou na deterioração das condições de vida do homem do campo no período, trazendo consigo a inviabilização de tradicionais modos de (re)produção da população cabocla do interior (MITSCHHEIN, et. al., 1989). Em apenas duas décadas, a dinâmica migratória alcançou plenamente as cidades que já desempenhavam ou que assumiam papel de polo regional, introduzindo novos níveis hierárquicos na rede urbana em formação (IBGE, 2008).

Belém tornou-se o epicentro de uma nova centralidade, e os municípios de consolidação anterior aos grandes projetos (da região Brangantina e Marajó) e que não receberam investimentos federais no período, ou foram bloqueadas por intervenções de algum projeto (ex.: UHE Tucuruí e Baixo Tocantins), tiveram suas sedes classificadas como centros locais, na última escala de importância da rede nacional, tomadas como áreas estagnadas, o oposto ocorria com as cidades localizadas em áreas alvo dos investimentos federais, sob influência da indústria extrativa mineral como foi o caso de Barcarena, e das sedes dos municípios diretamente ligados à RMB, que ascenderam de posição na rede urbana brasileira e posteriormente foram absorvidos por esta RM (Marituba, Benevides, Castanhal), ou associadas a uma intensa atividade agropecuária de grande porte (Marabá, Xinguara, Redenção). Todas essas mudanças desestruturaram o modo de vida das populações do interior do Estado, baseado na potencialidades da biodiversidade, e intensificam a fragilização do modo de reprodução social e econômica no campo, levando a um intenso movimento migratório das populações oriundas de regiões como o Marajó, o Baixo Tocantins e Brangantina em direção à RMB (MITSCHHEIN, 1989).

Combinado a todo este movimento migratório, ocorreu um movimento político de caráter difuso que incentivou a ocupação gradativa das áreas de várzea da cidade (áreas conhecidas como “baixadas”) com o objetivo de acomodar estas populações. O que viria a provocar, em pouco tempo, um processo de ocupação destas regiões de baixada, a partir dos aterros sucessivos e incorporação das áreas alagáveis à cidade, constituindo uma periferia próxima à Belém, com acesso aos rios, que se tornaram lócus principal do crescimento das principais feiras e centros de comercialização de produtos regionais.

Junto ao processo de ocupação das baixadas, houve a difusão nos 1980 e 1990 de hábitos de consumo populares de regiões ribeirinhas próximas e do interior do estado (origem de alguns fluxos migratórios). Que, somados ao próprio crescimento da RMB, acabam por resultar no fortalecimento do papel de centralidade de Belém em relação às regiões ribeirinhas mais próximas, em razão principalmente do crescimento do mercado consumidor local de produtos alimentícios, que extrapolaram das áreas de baixadas para todo o centro comercial da cidade. Produtos e alimentos já tradicionais como a farinha, o pescado, o açaí, tiveram seu movimento de comercialização intensificado por vários bairros da cidade e na área expandida da RMB. O tradicional mercado do Ver-o-Peso se transformou na materialização e símbolo dessa relação de centralidade de Belém em relação ao seu entorno constituído de regiões produtoras de produtos agroextrativistas, derivados da biodiversidade da Amazônia.

Por esta via de observação, constata-se que existem outros arranjos de exportação para além daqueles claramente vinculados aos circuitos de comercialização da produção em grande escala (minério e produtos agropecuários), que passam pela capital paraense. O fluxo de trocas e comércio com as cidades e comunidades de regiões ribeirinhas do Marajó e Baixo Tocantins acabam por configurar um amplo setor informal associado em geral ao comércio, serviços e à distribuição de produtos alimentícios e demais produtos regionais, fortalecendo os elos e conexões históricas entre o centro da cidade a sua área de influência ribeirinha mais próxima (CARDOSO et. al, 2015).

A relação de informalidade de parte da economia de Belém, como a expressão máxima de um circuito inferior ligado à economia do açaí, entre outros produtos de natureza regional, está vinculada, portanto, a um parâmetro demográfico específico e traços históricos da formação de sua rede dendrítica, que formataram a estrutura de relações territoriais da RMB com o seu entorno. Uma informalidade essencialmente formadora e mantenedora do que estamos chamando aqui de um *circuito inferior* de natureza específica, tendo em vista seu comércio praticado em íntima relação com os rios. Desta forma a interligação comercial com a realidade ribeirinha, construída por séculos, é manifesta através de uma rede de cidades dinamizada pelo fluxo produtivo e de comércio do cotidiano de milhares de pequenos produtores e comerciantes das localidades as margens dos rios que sustentam os mercados e feiras do centro da capital paraense. (FERNANDES et al., 2015).

Apesar das diversas dimensões do circuito inferior de Belém e da diversidade de seu mercado informal, destacam-se as atividades componentes de um circuito espacial produtivo que envolve a produção e comercialização de artigos regionais: como açaí, castanha, pescado dentre outros, compoem cenário próprio de uma economia periférica, urbana de uma metrópole na Amazônia. Através de feiras e portos, esses circuitos espaciais produtivos se integram à cidade, a partir da atuação dos ribeirinhos que viabilizam uma complementariedade entre rural e urbano, ao suprirem com seus produtos primeiramente a demanda local (o mercado de Belém), e após sucessivas sofisticções (cosméticos, alimentos) alcançam mercados mais distantes (nacionais e internacionais). Desta forma circuitos ou subsistemas dividem e integram o mesmo espaço territorial estendido (MONT-MOR, 2009), o que acaba por transformara RMB em elo espacial e territorial interconectando o interior e as regiões ribeirinhas com a dinâmica do mercado nacional e internacional em formatos diversos. (MONTENEGRO, 2014).

O que fica evidente por tudo que foi apresentado até agora, é que a integração dos mercados locais, nacionais e internacionais ocorrido nas últimas décadas, conjugado com o forte processo de migração campo-cidade – ocorrido a partir da década de 1980, como reflexo do movimento de expansão urbana da fronteira amazônica – ocasionou o fortalecimento e não a perda de dinamismo da Região Metropolitana de Belém como centro relacional da região, mantendo a cidade e sua região

metropolitana como ainda o mais importante e dinâmico centro regional na Amazônia Oriental Brasileira (CARDOSO, et. al, 2015; TRINDADE JR., 1998). Um padrão de relação que é impulsionado e fortalecido tanto em seus termos demográfico e cultural – na medida em que uma grande quantidade de migrantes oriundos de regiões como o Baixo Tocantins, Marajó e Região Bragantina se dirigem à RMB em busca de melhores condições de vida, tanto de trabalho como de renda individual e condições de oferta de infraestrutura de serviços públicos (MITSCHKEIN, 1989, p. 62) – como em termos do aumento de seu poder de centralidade impulsionada a partir do crescimento da RMB como principal mercado consumidor e, ao mesmo tempo, como principal elo de interligação entre as áreas ribeirinhas produtoras e o mercado externo (nacional e internacional) de produtos regionais. Como visto anteriormente, tal movimento acaba por fortalecer ainda mais as redes de comercialização tradicionais na região, assim como os novos elos culturais e a rede de economia popular, contribuindo para o aumento da centralidade regional da RMB face ao fornecimento de informações, produtos e serviços para o seu *hinterland* mais imediato.

Acrescente-se a isso tudo o reflexo da difusão do acesso aos novos meios técnico-científico-informacionais (SANTOS, 1997) por toda a região, o que ocasionou o crescimento de uma grande variedade de produtos, valores culturais e padrões de consumo que se internalizam entre as diferentes áreas de influência da RMB irradiados a partir do epicentro: Belém. Canais de difusão de informação e técnicas produtivas que acabam por atingir quase toda a região do estuário amazônico e demais áreas sobre a influência imediata da RMB, alterando de maneira profunda e decisiva o padrão de desenvolvimento territorial do seu entorno.

Como resultado, apresenta-se atualmente a economia urbana da RMB como uma economia com um alto grau de complexidade e especificidade derivada desse conjunto de componentes históricos e estruturais que combinados com um processo de *urbanização extensiva* recente (MONT-MOR, 2009), acabam por constituir o desenho de um modelo específico de integração urbano-ruralamazônico que, ao espelho dos dois circuitos de Milton Santos (2008) (que serão analisados em seguida), integra produção, comercialização e consumo de uma parcela significativa da população tradicional de ribeirinhos da região. Por esses novos canais, entrelaçam-se estruturas produtivas tradicionais e modernas com redes de comercialização de produtos regionais que interligam os furos e igarapés do Marajó e das áreas de várzea da região do Baixo Tocantins, com os mais próximos e longínquos mercados consumidores de produtos regionais.

Pela extensão territorial da rede de influência desses novos canais de comercialização, interligam-se meios técnicos-científicos-informacionais que se difundem de maneira acelerada em várias direções do estuário, alimentando e sendo alimentados através do fluxo de pessoas, produtos e serviços em sentido de mão dupla entre as cidades e vilarejos do interior das regiões ribeirinhas e a RMB. Da mesma forma, por outro lado, um intenso fluxo de mercadorias e serviços se intensifica entre a RMB e o mercado nacional e internacional, através dos portos, aeroportos e redes rodoviárias estaduais e federais, consolidando uma teia complexa de fluxos que organizam o atual quadro do papel de centralidade da RMB.

Por outro lado, como eixos centrais de interligação das cidades ribeirinhas com a RMB, os inúmeros portos (públicos e privados) se multiplicam pela orla da cidade, alimentando um fluxo contínuo de pessoas e produtos que, através das feiras e mercados populares de Belém, apresentam-se como pontos de forte dinamismo e complexidade ligados ao que passará a se chamar aqui decircuito inferior da economia urbana da RMB. Isso porque, através dos pequenos portos e feiras, volume significativo de produtos regionais é distribuído por toda a região metropolitana e demais regiões de influência, configurando uma base da economia popular que transforma Belém em uma das mais expressivas e específicas regiões urbanas da Amazônia.

Sendo assim, Belém constitui-se recentemente como região metropolitana que, através de suas características histórico-geográficas, se consolida como importante elo de interligação entre o que se entende como dois circuitos de uma economia com características urbanas tipicamente amazônicas, que atualmente se destaca como área de influência e centralidade que engloba uma importante extensão geográfica abrangendo uma vasta região do estuário do rio Amazonas e mais centenas de quilômetros de extensão das vias rodoviárias e fluviais que interligam a RMB como

Marajó; a região nordeste do estado do Pará; partes do oeste do estado do Pará e região do baixo amazonas; os estados do Amapá, Roraima e partes significativas do estado do Maranhão.

Os espaços se encurtam devido a difusão dos novos meios técnico-científico-informacionais, do qual nos fala Santos (1997). Todas estas regiões se interligam territorialmente tendo como eixo principal a RMB. Entre elas e o nó central da cidade de Belém, alimentam-se vários circuitos de comercialização de produtos, fluxos de pessoas e serviços que organizam um amplo leque de alternativas de funcionamento e dinamismo na economia da RMB. Fluxos superiores e inferiores de comercialização se entrelaçam por dentro e através da rede de infraestrutura logística que, por sua vez, são alimentadas por fluxos de pessoas, mercadorias e serviços que constituem parcela significativa da economia urbana da RMB (MONTENEGRO, 2014). Entre eles ganhará destaque neste trabalho o fluxo de produção e comércio ligados à economia do açaí, que se articula em níveis de complexidade diversa, indo das empresas de médio porte, que se voltam para o mercado nacional e internacional, até as pequenas redes de comercialização de produtos in natura para consumo imediato na periferia e, mais recentemente, nas áreas centrais da cidade.

2.2 – A economia urbana dos dois circuitos do açaí na RMB

De uma forma geral, a economia do açaí sustenta economicamente comunidades inteiras de ribeirinhos no Pará e no Amapá, envolvendo diretamente atividades de extração, comércio, transporte e beneficiamento tanto do fruto, como do palmito de açazeiro. De acordo com Neves (2002), estimava-se no início dos anos 2000 que cerca de 25 mil empregos diretos eram gerados, e mais de R\$ 40 milhões de reais seria seu impacto na economia da região. Comparando com os dados de produção atuais⁴, espera-se que hoje um volume muito mais significativo da economia da região esteja relacionado a uma economia direta ou indiretamente ligada a produção e comercialização de açaí.

Como sabemos, o consumo de açaí está enraizado historicamente nos hábitos alimentares dos paraenses. A partir disso decorre que o processamento dos frutos, no qual o açaí possui papel de destaque, é dominado inicialmente por estruturas produtivas voltadas notadamente para a demanda regional: baseadas em trabalho familiar, espacialmente difusas, com pequena escala de produção e que processam matéria prima nativa que tem como origem o agroextrativismo em região de várzea (COSTA et. al. 2003, 2006). Por outro lado, por conta do crescimento do mercado extra-local, há experiências de industrialização da fruta por estruturas produtivas compatíveis com a produção em média e grande escala, que atende a uma demanda em expansão, ancorada tanto na produção agrícola como extrativa. Esta ampliação da demanda de açaí frente a uma oferta fixa por estoque de açazeiros nativos acarretou um aumento substancial de preços que percorre toda a cadeia produtiva do açaí (SANTANA, 2008; COSTA et. al., 2012).

Estudos recentes, no entanto, têm apontado também o crescimento do mercado local e regional, demonstrado que, apesar do crescimento dos mercados nacionais e internacional, o principal motor do crescimento da demanda do produto ainda tem sido o mercado local e regional do açaí. (COSTA, et. al., 2012). Atrelado a essa dualidade entre mercado externo e consumo local e regional, a economia do açaí no Estado do Pará tem passado por um aumento significativo de seu grau de complexidade. Novos canais de distribuição da produção – do produtor diretamente com a indústria; e desta, por sua vez, para os mercados regionais, nacionais e internacionais – têm tornado complexa uma avaliação mais precisa sobre a dinâmica da participação relativa do mercado local e extra-local na totalidade da comercialização do produto. Isso porque, ao mesmo tempo em que a produção de açaí em polpa para a exportação se acelera na última década, um aumento também significativo do número de batedores artesanais e sua rede de distribuição por dentro da RMB se torna evidente. Assim como uma ampliação do consumo de mix de açaí por meio de sua distribuição através da cadeia de supermercados e/ou lojas e restaurantes especializados na produção e consumo de açaí.

⁴ Estima-se hoje que o Pará apresenta uma participação de 55% na produção de açaí extrativo no Brasil, alcançando em 2013 cerca de 111.073 toneladas de açaí; no mesmo ano atingindo 825.513 toneladas por meio da produção cultivada do fruto, conforme o IBGE. O que o transforma em principal produtor nacional do produto com produção total estimada em mais de 900 mil toneladas de açaí no ano de 2013, o equivalente a mais de 90% da produção nacional.

Como um todo, observa-se uma tendência em sustentação no volume de comercialização de açaí oriundo das tradicionais feiras: como a do Ver-o-Peso, Jurunas e Condor; assim como na ampliação do volume de polpa de açaí comercializado através da rede de supermercados, restaurantes, sorveterias e demais lojas de comercialização de suco e bebidas que tem como alvo principal a polpa de fruta de açaí. Um mercado consumidor local e regional, portanto, que não parece responder de maneira negativa ao impulso e crescimento do preço da matéria prima, e, quiçá, à concorrência do mercado exterior. O que tem fortalecido a posição da RMB como eixo articulador e elo de distribuição do açaí tanto para o consumo local e regional *in natura*, como através da rede de produção e distribuição de sua polpa para os mercados locais, nacionais e internacionais.

Por essa nova dinâmica, tanto produtores tradicionais de regiões ribeirinhas como novos produtores que cultivam açaí em áreas de terra firme, veem também sua conexão com a RMB fortalecida nos últimos anos. Vários canais de comercialização vão se intensificando entre as regiões de produção, distribuição e consumo: as tradicionais feiras e portos de Belém se ampliam, as estradas e centrais de abastecimento nos municípios de Castanhal e Abaetetuba também; assim como os vários eixos de distribuição de açaí por meio de estradas e rios pelo interior do estado do Pará, Amapá e, mais recentemente, no Amazonas.

Ao todo, fortalece-se a configuração de um sistema de economia urbana que tem Belém como seu eixo central, e que cada vez mais se mostra conectada ao mercado externo; mas sem perder inicialmente a fonte de seu dinamismo interno derivado do próprio movimento e dinâmica territorial que se organiza historicamente de maneira endógena, e em conexão com o seu entorno de cidades ribeirinhas na região do estuário amazônico. Componentes estruturais que fortalecem a trajetória de evolução da rede de interligação da RMB com as regiões rurais e urbanas do seu entorno, ao mesmo tempo em que articulam movimentos de complementaridade e competição com os mercados externos. Mercados externos os quais, por sua vez, impulsionam e forçam um movimento de reação do sistema local, estimulando novas conexões territoriais dentro e fora da RMB: tanto em relação ao seu entorno ribeirinho, como em relação à dinâmica dos mercados globais, também em expansão.

Surge assim, por meio desse movimento sistêmico e evolucionário complexo, uma nova economia urbana composta por algo muito similar ao que Milton Santos (2008) chamaria de dois circuitos da economia urbana em regiões periféricas. Com características bem peculiares, e definidas territorialmente como um complexo espacial produtivo, esta economia se configura como um complexo sócio espacial que tem na dimensão urbana da RMB o epicentro articulador do sistema e sua rede de influência em um determinado território.

Segundo Milton Santos (2008) a maioria dos estudos sobre economia urbana e espacial em regiões periféricas, não são elaborados buscando compreender o espaço urbano destas regiões da forma mais completa como se pretende fazer aqui neste estudo em relação à economia do açaí. Mas sim considerando apenas uma parcela desta, ou seja, a dimensão mais visível, que expressa apenas as conexões mais longas do espaço urbano com a dinâmica econômica do capitalismo em escala global. Em geral, seus sistemas exportadores *stricto sensu*. Este tipo de abordagem, no entanto, segundo Milton Santos (2008), impede a formulação de uma autêntica teoria da urbanização em regiões subdesenvolvidas, que se organizam de maneira bem mais complexa e estruturalmente diversa.

Com base nestas reflexões, Santos (2008) fundamenta que as cidades e sua dinâmica espacial não podem ser analisadas a partir de perspectivas absolutas e homogêneas, mas sim a partir de sua leitura como expressão das duas zonas de influência, subsistemas ou sistemas urbanos, os quais passam a caracterizar o que ele chamaria de *circuito superior* e *circuito inferior* da economia urbana em regiões periféricas. O circuito superior, ou moderno, origina-se, segundo Santos (2008) na modernização, nos avanços tecnológicos e na influência do monopólio do grande capital e sua relação prioritária com o mercado exterior; o circuito inferior, por sua vez, associa-se a atividades de pequeno porte e amplitude, agregando em especial às populações pobres, possuindo em geral caráter enraizado e relações mais estreitas e afins com a região em que se localiza

especialmente a atividade econômica urbana. Dimensão esta última, que trataremos aqui como expressão da economia popular da RMB, tal como apresentada anteriormente.

É importante salientar que o esquema de Santos (2008) não representa uma volta a modelos dualistas, como as visões mais simplistas do modelo da Cepal. Sua intenção vai além de simplificações deste tipo, seu objetivo é elucidar componentes de um sistema que são, em geral, invisíveis aos olhos da preponderância dos elos mais fortes do sistema. Argumenta-se com isso, que, o que se vê em termos de produção do conhecimento e análise de políticas públicas é a priorização do circuito superior em detrimento do inferior, o que caracteriza privilégios em termos da produção de um saber mais aprofundado em relação às áreas modernas, conectadas com o sistema global; ao mesmo tempo em que cria lacunas a serem supridas pela necessidade de identificação e compreensão dos elos e interconexões entre os dois circuitos, suas relações com a sociedade e com os espaços que os rodeiam e o constituem enquanto território urbano complexo. Em vista de tais embasamentos, pode-se ressaltar que as cidades em regiões periféricas, como a RMB, possuem dois polos de influência que precisam ser analisados de maneira conjunta e integrados territorialmente. A complementariedade e interligação dos circuitos analisados de maneira conjunta ressaltam, por sua vez, suas distinções e os elementos específicos que os compõem. Cada circuito se constitui de conjuntos de atividades específicas e do setor da população que se liga ao circuito por determinada atividade ou forma de consumo, considerando que estas podem ser consideradas modernas ou não-modernas; mas ambas, como visto, compõem um mesmo universo ou objeto de análise. Tais tipos de consumo, entretanto, não restringem as camadas sociais a apenas consumir no circuito em que faz parte de forma mais direta, como agente produtivo. Em muitas situações podem ocorrer formas parciais ou ocasionais de consumo da população a qual atua como consumidor nos dois circuitos, considerando, por exemplo, que a oferta de trabalho se articula em amplos espaços, promovendo a interação sistêmica entre os padrões de consumo em vários níveis de renda.

É com base nestes pressupostos teóricos, e nas consequências que se pode daí derivar em termos do aprimoramento e de uma leitura mais acurada da dinâmica espacial produtiva da RMB, que busca-se em seguida fazer, com base no esquema conceitual de Santos (2008), uma caracterização heurística dos dois circuitos ligados à economia do açaí, e suas expressões mais significativas no interior da formação da economia urbana espacial no entorno da RMB.

3-OS CIRCUITOS SUPERIOR E INFERIOR E A DIMENSÃO ESPACIAL PRODUTIVA DA ECONOMIA DO AÇAÍ NA RMB

Com o crescimento do mercado nacional e internacional por açaí ocorrido nas últimas décadas, e devido sua produção ser quase que totalmente concentrada no Estado do Pará (cerca de 85% da produção nacional⁵), uma nova dinâmica econômica e territorial tem se imposto de maneira decisiva sobre a região do estuário ou foz do rio Amazonas, nas proximidades de Belém. Esta nova dinâmica alterou a escala e os padrões de consumo desse produto na economia local, e impulsionou a utilização de novas tecnologias de produção, distribuição e processamento industrial do produto, no sentido da alteração de determinados padrões tradicionalmente já estabelecidos como forma de produção e consumo do fruto na região. Tais padrões reconfiguraram, por sua vez, o perfil econômico e o modelo de desenvolvimento territorial da região nas últimas décadas, o que motivou a investigação desse fenômeno recente de expansão do açaí e dos avanços na interpretação do fenômeno territorial de rearticulação da influência da RMB sob seu entorno.

De um centro consumidor de um mercado local de açaí, Belém se transforma num elo de interligação entre agentes do mercado local, do mercado exterior, indústrias, batedores, feiras, barqueiros e produtores ribeirinhos de comunidades tradicionais. Relações de complementariedade, concorrência, cooperação, conflito e vizinhança se aprofundam por dentro do espaço social produtivo do açaí na RMB. Relações urbanas se complexificam aproximando agentes locais (circuito inferior) do mercado exterior (circuito superior). Os exportadores de açaí se aproximam dos produtores ribeirinhos; as indústrias de polpa de fruta vão à busca do produto e se aproximam das

⁵IBGE, 2010 apud BAYLE, 2014.

populações tradicionais; os restaurantes mais sofisticados de Belém, de outras cidades brasileiras e até de outros países vão à feira do Ver-o-Peso em busca de açaí e demais ingredientes da culinária local; mercadores, pequenos industriais e feirantes se utilizam de novas tecnologias e conhecimentos adquiridos no espaço urbano da cidade em busca de incrementos em termos de produtividade e diferenciação de produtos e processos; agentes do circuito superior, como trades e outros, desembarcam na Amazônia com o interesse voltado para o aprendizado sobre os costumes locais, etc. Enfim, dois circuitos se entrelaçam e tem no espaço urbano da RMB seu elo de maior vitalidade e força criativa. Será com base nessas expressões e tipos mais característicos do que se configura hoje em dia chamar de agentes sócio espaciais da economia do açaí, que buscaremos desenvolver um arcabouço interpretativo geral da configuração da estrutura produtiva e distributiva da economia do açaí no espaço urbano da RMB.

3.1 – Interpretando a configuração dos circuitos urbanos da economia do açaí na RMB

Tendo em vista a dinâmica territorial mais recente que, como visto anteriormente, alimenta de vitalidade a economia urbana do açaí na RMB, analisa-se, a partir de agora, as peculiaridades do funcionamento de cada um dos circuitos da economia do açaí e seus elos de interligação mais visíveis. Observáveis por meio de uma análise metodológica mais explícita.

Primeiramente, apresenta-se um esquema em que se destacam os componentes que, segundo Santos (2008), são características dos dois circuitos da economia urbana em regiões periféricas em geral (Tabela 1). O circuito superior, neste esquema, é composto por bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior, por sua vez, é composto por firmas de fabricação não-“capital intensivo” ou de fabricação não-capitalista, serviços não-modernos, comércio não-moderno, atividades estabelecidas mediante dadas relações hierárquicas, de complementariedade simples e recíproca.

Cada circuito, portanto, se constitui de um conjunto de atividades específicas composta por segmentos da população que se ligam aos circuitos por meio de determinadas atividades ou formas de consumo. Ambas podendo ser classificadas como modernas ou não-modernas.

Tabela 1 - Subcategorias das características dos circuitos urbanos

	Circuito Inferior	Circuito Superior
1) Apoio Institucional e acesso à crédito		
1.1 - Acesso à Crédito (pessoal/institucional)	Pessoal	Institucional
1.2 - Ajuda Governamental (relevante/irrelevante/nula)	Nula	Relevante
2) Organização e gestão		
2.1 - Intensividade dos Fatores de produção (mão de obra/capital intensivos)	Trabalho Intensivo	Capital Intensivo
2.2 - Formas de Organização (burocrática/primitiva)	Primitiva	Burocrática
2.3 - Relação com Cliente (direta/impessoal)	Direta	Impessoal
2.4 - Reutilização de bens (existente/nula)	Existente	Nula
2.5 - Publicidade (existência/ausência)	Existente	Ausente
2.6 - Overhead Capital (dispensável/indispensável)	Dispensável	Indispensável
3) Acesso à tecnologias, tamanho dos mercados e dependência		
3.1 - Margens de Lucro (por unidade do produto/volume de negócios)	Alta/baixo	Baixa/alta
3.2 - Custo Fixo (significativo/ não significativo)	Não significativo	Significativo

3.3 - Dependência direta do exterior (grande/baixa/nula)	Nula	Alta
4) Características do produto e volume de emprego associado		
4.1 - Nível de emprego associado à atividade produtiva (alto/baixo)	Alto	Baixo
4.2 - Qualidade do produto (alto/baixo)	Baixa	Alta
4.3 - Volume do estoque (Alto/baixo)	Baixo	Alto
4.4 - Característica do emprego de mão de obra (assalariada/não obrigatório)	Não obrigatório	Assalariado
4.5 - Volume de Capital (relevante/reduzido)	Reduzido	Relevante

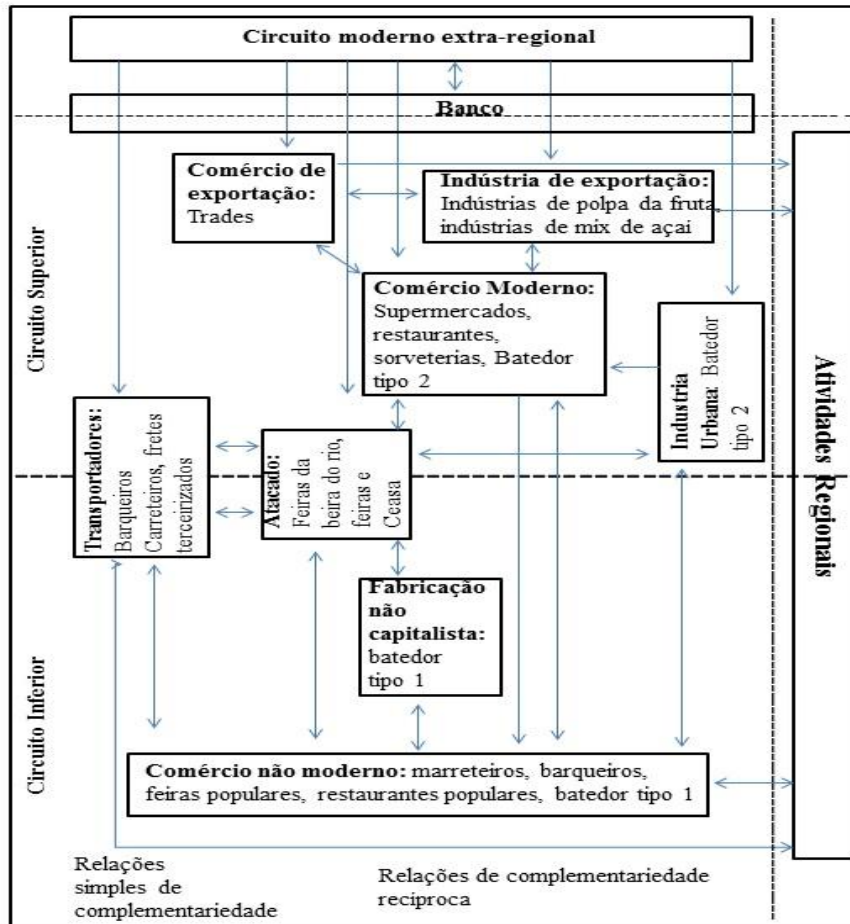
Fonte: SANTOS, 2008. Elaboração própria.

Na Tabela 1, apontamos as categorias esubcaracterísticas que diferenciam qualitativamente os dois circuitos quando observados do ponto de vista comparativo entre si. Itens relacionados a categorias como: apoio institucional e acesso a crédito; organização e gestão; acesso a tecnologias, tamanho dos mercados e dependência; características do produto e volume de emprego associado. Em todas estas categorias, por sua vez, pode-se enquadrar outros subitens, os quais Santos (2008) destaca de maneira explícita, com o objetivo de distinguir os atributos específicos de cada circuito e diferenciá-los. Sendo assim, de um lado da tabela, ressalta-se os atributos de interesse genérico; de outro os qualificativos: sim e não, baixo e alto, existente e ausente etc. Ao final, temos um quadro comparativo completo que nos indica, em linhas gerais, os principais itens e categorias levadas em consideração pela abordagem miltoniana dos circuitos, assim como um critério mais explícito e qualitativo de enquadramento e classificação do que deveria ser considerado, como uma atividade do circuito superior ou do circuito inferior.

Partindo dessa primeira classificação genérica, e com o objetivo de adaptar o esquema inicial de Santos (2008) para o caso de uma economia urbana e ribeirinha na Amazônia –onde os circuitos de comercialização extrapolam os ingredientes estritamente urbanos, indo na direção e encontro das dinâmicas sócio-especiais-produtivas de uma economia popular e ribeirinha; onde intenta-se observar um circuito específico dessa economia (os fluxos e circuitos de comercialização de um único produto, o açaí) – busca-se a construção de um novo modelo heurístico capaz de dar conta de uma representação mais adequada das ideias iniciais de Milton Santos, aplicada a uma realidade urbana específica.

Neste contexto, o chamado circuito inferior da economia do açaí na RMB é tido como englobando todo o mercado informal atrelado às atividades que dependem do trabalho intensivo (conforme tabela 1). Ou seja, produtores do setor extrativo, peconheiros, atravessadores, marreteiros, barqueiros, carregadores portuários, carregadores de carro de mão, maqueiros ou batedores da fruta, feirantes e ajudantes dos feirantes. Este circuito inferior também diferencia-se do circuito superior, segundo Santos (2008), por não apresentar uma organização burocratização formal, assim como por apresentar: um baixo nível de capitalização na comercialização do açaí, volume de estoque insuficiente ou pequeno frente as demandas do mercado, produtos de qualidade inferior, pouco acesso a créditos pessoais, margem de lucro grande por unidade do produto (mas reduzida em relação ao volume de negócios) e uma relação direta com clientes (seja em feiras que comercializam açaí ou nos pontos de batedores nos bairros da periferia da cidade).

Figura 1: Quadro de elementos dos circuitos da economia urbana do açaí na RMB



Fonte: SANTOS, 2008. Elaboração própria.

Conforme se pode verificar na Figura 1, considera-se que a indústria de processamento do açaí e de mix para exportação corresponde, por outro lado, ao circuito superior por apresentar as principais características deste circuito, conforme características apontadas por Santos (2008). Entretanto, destaca-se que este circuito possui uma subdivisão no que tange suas atividades de fabricação, a qual pode vir a caracterizar dois modos de organização básicos: o modo próprio do circuito superior (CS), e o circuito superior marginal (CSM). Este último, o qual poderia caracterizar, no caso da economia do açaí, o formato produtivo da indústria de processamento de polpa com menores níveis de avanços tecnológicos e organizacionais, movido pela demanda original do circuito inferior, ou a partir de atividades modernas, mas mesmo assim periféricas.

Neste sentido, o circuito superior marginal traz caracteres residuais e emergentes de maneira simultâneas, estando tipicamente presentes em cidades intermediárias ou em metrópoles periféricas, como seria o caso da RMB. Neste âmbito, empresas médias e pequenas podem dividir o mesmo mercado com grandes empresas sem grandes desvantagens; ao contrário, empresas menores obtêm certas vantagens principalmente na reduzida cobrança de impostos, baixa despesa com publicidade e menores salários. Contudo, a principal referência do CSM, além dos tais atributos citados, está nas atividades de fabricação moderna marginal com baixa tecnologia e capacidade organizacional, correspondendo em grande parte ao perfil típico da indústria de processamento de açaí na RMB.

Apesar das limitações tecnológicas e organizacionais, o CSM se situa no circuito superior por apresentar tecnologia capital intensivo, uma organização burocrática formal, possuir mão de obra assalariado dominante, grande quantidade e qualidade de estoque, crédito bancário

institucional, margem de lucro reduzida por unidade, relação impessoal com clientes, custos fixos relevantes além de grande dependência direta do mercado exterior.

Apesar de apresentar fragilidades tecnológicas, o *circuito superior* do açaí, como visto, já atua em vistas das exigências de qualidade, velocidade e diversificação do produto pelo mercado nacional e internacional, o que os diferencia de maneira clara das atividades ligadas ao circuito inferior das feiras e mercados de batedores artesanais. A expansão do processamento para outros Estados do Brasil, e do mercado consumidor externo (nacional e internacional) resultou na diversificação do uso da polpa do açaí; levando a ampliação da escala de produção média, alteração da planta das fábricas das agroindústrias e diversificação da linha de produção com a criação de uma oferta de mixes do açaí com outras frutas, cereais, guaraná, etc. Isto demonstra a ocorrência de transformações neste segmento, na forma de organização fora do mercado belenense e paraense, com o surgimento e utilização de novas tecnologias, técnicas e estruturas organizacionais, ou seja, em formato produtivo mais característico do circuito superior.

Sendo assim, como componentes do subsistema superior, foram considerados na Figura 1 a indústria urbana formada por batedores de açaí em formato de empresas comerciais modernas (Batedor tipo 2), o comércio moderno (supermercados, restaurantes, sorveterias), bancos, comércio de exportação (trades) e indústria de exportação de polpa de fruta e mix de açaí, ambos constituídos por grupos empresariais ou pequenas empresas com padrões organizacionais modernos. No circuito inferior, por sua vez, foram enquadrados o comércio não moderno (em sua grande parte formado por pequenos comerciantes, feirantes, marreteiros, atravessadores, barqueiros e carregadores de carro de mão), fabricas não-capitalista (batedores artesanais de açaí com características de produção artesanal e familiar – Tipo 1). Entre os elementos intermediários, destaca-se a presença também de agentes de atuação mista, conforme identificados inicialmente por Santos (2008), e representados pelos transportadores e atacadistas.

3.2–A dimensão espacial produtiva da economia urbana do açaí na RMB

Ainda segundo Milton Santos, se avaliarmos a sua discussão sobre os circuitos da economia urbana, podemos ressaltar que uma mesma área ou espaço urbano pode ser ponto de interação e confluência de inúmeros circuitos produtivos. Em uma mesma região, por exemplo, desenvolvem-se diferentes etapas de diferentes circuitos de produção, conforme apontados no esquema anterior. Desta forma, adiciona-se aqui a concepção de circuito espacial produtivo ou de produção, a qual engloba inúmeras fases do processo de constituição e transformação do produto até atingir o consumo final (SANTOS, 1988). Analisar tais circuitos permite a apreensão da organização local da produção e seu posicionamento frente à hierarquia do sistema de distribuição e competição capitalista o qual a produção se relaciona. Cabe enfatizar, segundo Santos, (1988, p. 17 apud A. C. R. MORAES, 1985, p. 4), que "discutir os circuitos espaciais da produção é discutir a espacialização da produção distribuição-troca-consumo como movimento circular constante. Captar seus elementos determinantes é dar conta da essência de seu movimento".

Atenta-se, entretanto, para o fato de que este circuito agrega agentes e empresas dos circuitos superior e inferior, os quais se encontram fazendo parte de um mesmo circuito espacial. Sendo assim, não trata-se aqui da criação de mais uma categoria ou classificação concorrente aos dois circuitos antes delineados, mas sim da especificação de um subsistema espacialmente delimitado em interação com os dois circuitos, o que demonstra a interseção do espaço produtivo em relação aos demais subsistemas representativos dos dois circuitos. Quebrando com o modelo dualista anterior.

E dessa maneira que podemos iniciar uma investigação espacialmente mais elaborada, tendo como foco uma análise das interações urbano-rurais que organizam na forma de circuitos produtivos territorializados, o entorno da economia do açaí na RMB. Nesse sentido, a partir da concepção de uma Amazônia dinamizada por dimensões e circuitos distintos (urbanos e rurais), mas integrados; e a partir do reconhecimento da complexidade deste espaço, fomenta-se a necessidade de análise da importância dos grupos sociais de diferentes camadas que formatam a estrutura da economia do açaí, e que integram o denominado circuito inferior de sua economia na RMB.

Atuando de maneira complementar à dinâmica sócio-espacial produtiva que alimenta, de maneira geral, a interação do território amazônico com os mercados locais, regionais e mundiais de açaí. Sendo destaque aqui um olhar específico em relação ao papel destes agentes urbano-rurais, em grande parte articuladores de uma dinâmica complexa de interação territorial em formato urbano amazônico contemporâneo.

No que tange as nuances de um cenário socioespacial da urbanodiversidade paraense, salienta-se e adiciona-se aos estudos sobre os circuitos da economia urbana, os desdobramentos de inúmeras obras como de Santos (1988) e Montenegro (2014), as quais elucidam sobre a dinâmica do circuito espacial produtivo, como forma de interpretação dos processos e etapas pelas quais passa o produto, desde a produção até o consumo final. Tem-se aqui a possibilidade de compreender o papel de sociedades caboclas e/ou ribeirinhas, e grupo produtivo/agroextrativista da região, das indústrias e agentes urbanos, os quais compõem este circuito, assim como vários componentes tanto do circuito superior como do circuito inferior da economia do açaí. Desta forma, cabe reiterar que este circuito agrega agentes e empresas dos circuitos superior e inferior. Neste sentido, não trata-se de mais uma classificação, mas sim de um circuito que representa ponto de interseção socioeconômica entre os demais subsistemas e agrega todos os parâmetros produtivos existente e considerados típicos de regiões periféricas ou subdesenvolvidas.

A partir da identificação dos circuitos inferior, superior e espacial produtivo da economia do açaí, analisa-se estes subsistemas frente ao desenvolvimento de um mercado potencial no setor de fruticultura do Estado do Pará, e que engloba fortes elos entre as atividades enraizadas a produção tradicional, a economia urbana de Belém e o consumo em diversas dimensões espaciais, em vistas de seu papel na economia regional, nacional e internacional. Segue-se aqui a explicitação de uma dinâmica espacial mais ampla dos circuitos da economia urbana. Categorias que são classificadas pela literatura como áreas de diversidade ou áreas de especialização (SILVEIRA, 2004a apud MONTENEGRO, 2011). As mais diversas formas de fabricação, comércio e serviços seja do circuito superior ou inferior no mesmo espaço, retratam o que se denomina de áreas de diversidade. A partir dessas áreas ocorre a especialização do trabalho que se decompõe em distintos circuitos espaciais de produção, nas quais são desenvolvidas técnicas de diferentes níveis de tecnologia. Nesta área os circuitos se entrecruzam determinando um mercado diversificado (SILVEIRA, 2007, p. 152 apud MONTENEGRO, 2011). A amplitude dessas áreas em geral engloba bairros ou cidades específicas. Por sua vez, na área de especialização o trabalho especializado se decompõe dentro do circuito espacial produtivo, se estabelecendo diferentes fases e agentes de distintos níveis de poder em intricados processos de cooperação e concorrência. Nestas áreas a dinâmica de mercado e de produção atingem esferas regionais e nacionais. (MONTENEGRO, 2011).

Buscando aplicar essas concepções para a análise da economia do açaí, por meio de um esforço de leitura de sua dinâmica a partir do conceito de circuito espacial produtivo, buscamos construir um esquema de representação espacial onde os vários componentes do sistema fossem expressos. Neste esforço, foi levado em consideração que o setor do mercado informal do açaí, como componente de um circuito inferior paraense, apresenta-se com poucos estudos, dada as informações suficientes para uma análise mais completa de sua dinâmica. O que dificulta em grande medida a apresentação de um modelo formal como expressão dos seus fluxos. No entanto, mediante a análise de Montenegro (2014) e mais observações de campo, pode-se destacar que o circuito inferior belenense se desenvolve por meio das atividades de baixo nível de capitalização, qualificação e tecnologia, o que se afirma no caso da RMB como elemento que se manifesta através da pobreza em caráter despolarizada. Dessa forma, podemos afirmar que o circuito inferior encontra-se espalhado na metrópole. O centro de Belém por sua vez concentra grande parte do circuito inferior ligado à economia do açaí, tendo em vista que agrega pequenos comércios, feiras, serviços variados e ambulantes. Desta forma também, a orla de Belém e os bairros periféricos, espaços que abrigam o circuito inferior em forma de feiras, pequenos comércios e portos que recebem habitantes de outras localidades e diversas mercadorias advindas das ilhas. O circuito inferior, de modo geral, portanto, encontra-se atrelado ao seu lugar original e a escala intra-urbana de distribuição do produto por vários bairros da cidade.

Tabela 2: Caracterização dos circuitos urbanos da economia do açaí

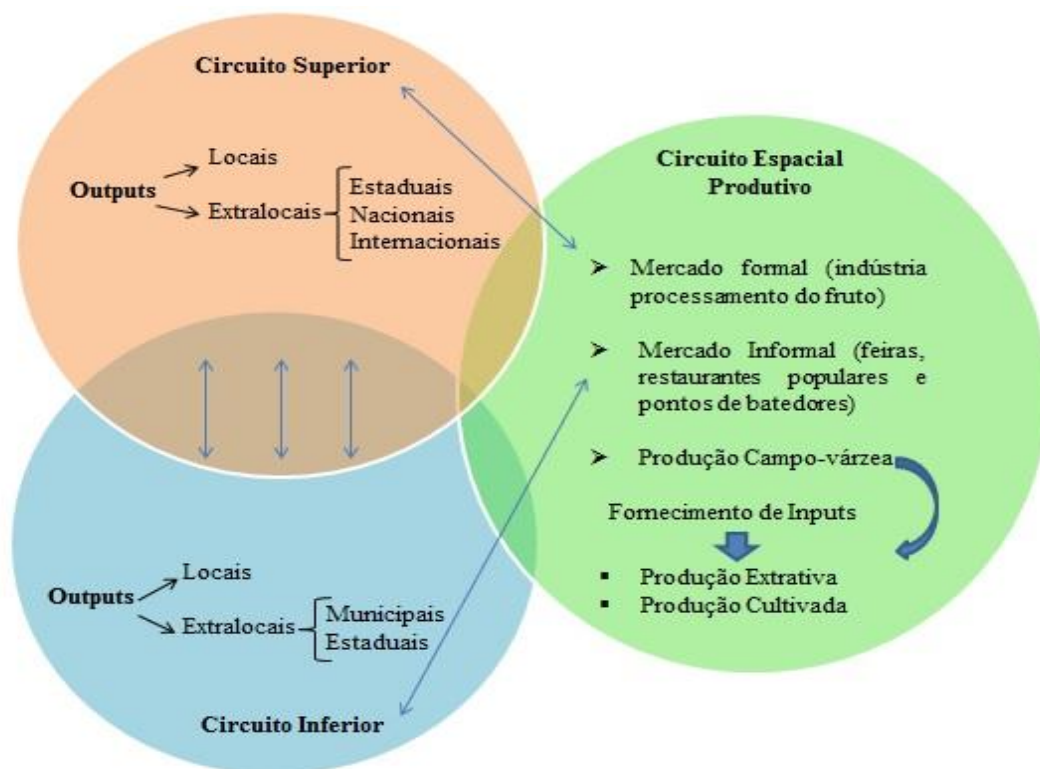
Subsistema	Elementos	Economia do Açaí
Circuito Superior	Transportadores; Atacadistas; Comércio Moderno; Indústria Urbana; Bancos; Comércio de Exportação; Indústria de Exportação	Indústrias de processamento de polpa de açaí – exportadoras nacionais e internacionais; grupos atacadistas, empresas estrangeiras e nacionais.
Circuito inferior	Comércio não-moderno Fabricação não-capitalista Transportadores Atacadistas	Maquineiros ou batedores do fruto, feirantes e ajudantes dos feirantes; atravessadores marreteiros, barqueiros, carregadores portuários, carregadores de carro de mão.
Circuito Espacial Produtivo	Subsistema de interseção – abrange os elementos de ambos os circuitos	Agentes urbanos e podem exercer funções de algumas atividades ribeirinhas e ribeirinhos podem exercer funções urbanas: trabalho misto

Fonte: SANTOS, 2008 e MONTENEGRO, 2014. Elaboração própria.

No circuito espacial produtivo específico da economia do açaí, ressalta-se a forte interação de sociedades caboclas e ribeirinhas com grupos do mercado informal ligados ao transporte e comércio do produto in natura (como é o caso também de diversos produtos florestais não madeireiros que possuem arranjos comerciais embarçados e também de difícil análise), compondo neste caso, em específico, grupos de comerciantes de pequeno porte ou também feirantes, denominados também de “batedores de açaí” (que muitas vezes fazem o papel também de transportadores e produtores rurais). Estes atores sociais representam uma categoria inserida no sistema inferior ou circuito inferior típico da economia urbana de Belém, o qual possui elos não apenas com o comércio da cidade, como também com atravessadores e produtores de vários cantos do estuário.

A ilustração apresentada na Figura 2 visa retratar a relação entre circuito inferior e superior, seus alcances e a composição do circuito espacial produtivo frente a seu papel de convergência entre os dois circuitos. Os processos produtivos presentes no circuito superior e no circuito inferior configuraram interações socioeconômicas capazes de englobar diversas dimensões e formatos produtivos. O circuito inferior gera outputs para o âmbito local e extralocal, atendendo a demanda interna do Estado do Pará e de alguns outros Estados da Região Norte. O circuito superior promove os outputs locais e extralocais de alcance nacional e internacional. A produção do meio rural, componente do circuito espacial produtivo, desenvolve a geração de inputs do circuito inferior e do circuito superior da economia do açaí, abastecida pelas produções cultivada e produções extrativas.

Figura 2: Sistema urbano e espacial produtivo da Economia do açaí



Fonte: SANTOS, 2008; MONTENEGRO, 2014. Elaboração própria.

A ilustração da Figura 2 expõe a configuração do sistema urbano da economia do açaí, considerando interações, complementariedades e entrelaçamentos de dimensões distintas, mas que dinamizam o sistema mediante a sinergia produtiva e econômica que envolve o mercado do açaí. Entre circuito inferior e superior, compreende-se os alcances e a composição do circuito espacial produtivo frente a seu papel interpretativo de uma convergência entre os dois circuitos. Os processos produtivos presentes no circuito superior e no circuito inferior configuraram interações socioeconômicas capazes de englobar diversas dimensões e formatos produtivos. Em via de regra, denota-se que o circuito superior e o circuito inferior, juntamente com a produção campo-várzea, integram um subsistema espacial produtivo que agrega todos os processos e fases da produção, transformação, beneficiamento e diversificação do açaí, cada um participando com respectivas funções e abrangências, mas todos integrando um complexo sistema socioespacial e urbano em torno da economia da região nordeste do Estado do Pará. O circuito inferior representado pelo mercado informal do açaí, constituídos por feiras, restaurantes populares, pontos de batedores, agentes como atravessadores, marreteiros, batedores, barqueiros, carregadores e feirantes, propagam a geração de fluxos anuais de outputs para o âmbito local e extralocal, atende a demanda interna da capital, e de alguns municípios da RMB. O circuito superior composto pelo mercado formal do açaí, incluindo empresas exportadoras e de processamento do fruto, encontra-se disseminado na região do Nordeste paraense e na RMB promovendo outputs locais e extralocais de alcance nacional e internacional. A produção campo-várzea desenvolve a geração de inputs para os processos produtivos do circuito inferior e do circuito superior do açaí, sendo um segmento representado pelas produções cultivadas através da agricultura e do agro extrativismo do açaí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É tendo em vista a compreensão da dinâmica produtiva que nos últimas décadas tem se imposto sobre a realidade urbana da RMB, modificando os padrões de produção espacial do açaí no estuário, assim como seus desdobramentos para as áreas de terra firme e setores industriais modernos, que buscamos neste trabalho desenvolver uma explanação sucinta sobre a evolução

histórica da produção de açaí no estado do Pará, assim como seus desdobramentos em termos das novas configurações territoriais que tem modificado a dinâmica espacial-produtiva da economia da RMB nas últimas décadas.

Com base em uma caracterização e enquadramento mais geral da várias categorias dos circuitos urbanos para o caso do estudo da economia do açaí na RMB, tornou-se viável, com base em Milton Santos (2008), correlacionar os papéis e posição dos vários agentes e grupos urbanos com os elementos próprios de cada circuito encontrado na realidade local da economia urbana da RMB. Desta forma, buscou-se apresentar um modelo representativo alternativo da existência de um circuito inferior urbano-rural-ribeirinho composto pelo comércio não moderno e de fabricação não capitalista, os quais possuem interações entre si, mas também com os elementos de atividades mistas (os transportadores e atacadistas), e com elementos do circuito superior e inferior da economia urbana de Belém. Observa-se assim, expressivas trocas estabelecidas do comércio não moderno, com a indústria urbana e o comércio moderno, e ambos com as atividades produtivas agroextrativistas que representam a dimensão rural do circuito produtivo do açaí (comunidades e produtores das ilhas e regiões ribeirinhas).

As conexões ribeirinhas e suas relações com a base da economia popular da RMB se apresentam através da conexão das fabricas não capitalista (batedores artesanais de açaí) com o atacado representado pelas diversas feiras de comercialização do produto à beira dos rios. Esta conexão entre fábrica artesanal e comércio popular de açaí, representado pelas feiras, constitui uma das características mais relevantes e específicas do circuito inferior da economia urbana da RMB. E desta o açaí representa, sem dúvida alguma, uns dos produtos mais expressivos.

O circuito inferior da economia do açaí, neste contexto, engloba todo o mercado informal, atrelando-se as atividades que dependem do trabalho intensivo; no caso do mercado de açaí sustentado pelo trabalho intensivo: de produtores do setor extrativo e cultivado, peconheiros, atravessadores, marreteiros, barqueiros, carregadores portuários, carregadores de carro de mão, maquineiros ou batedores da fruta, feirantes e ajudantes dos feirantes. Este circuito inferior também diferencia-se por não ter uma organização e burocratização, assim como baixo nível de capitalização na comercialização do açaí, elevado nível de emprego, estoque insuficiente ou pequeno frente as demandas(as vezes de qualidade inferior), acesso a créditos pessoais, margens de lucro elevado por unidade(mas reduzida em relação ao volume de negócios), além de apresentar relação direta com clientes seja em feiras que comercializam açaí ou nos pontos de batedores Tudo isso de maneira bastante aderente às características apontada por Santos (2008).

O comércio moderno do açaí em Belém, por sua vez, evidencia-se pela existência de sorveterias tradicionais, de venda da polpa do açaí em supermercados, restaurantes e o batedor tipo 2 (caracterizado pela pequena empresa de média escala localizada em bairros centrais de classe média e alta, assim como as sorveterias e restaurantes). A indústria urbana no que tange o mercado do açaí também pode ser representada pelo batedor tipo 2, em ultima instância, tendo em vista sua característica de produção e comercio de açaí de maneira combinada. Nesta relação visualiza-se que estes são abastecidos em grande parte ainda pelo comércio não moderno e pelo atacado, principalmente pela existência de feiras livres que comercializam o fruto.

Como já tratado por Santos (2008), as atividades puras do circuito superior, o comércio moderno e indústria urbana, interagem entre si, e no caso da economia do açaí esta relação também se apresenta na medida em que novos atores econômicos começam a se especializar na produção de açaí em grande escala, por meio de atividade de cultivo do fruto por setores empresariais. A indústria de exportação, neste contexto constitui componente do circuito superior importante. Determinadas empresas deste circuito encontradas na RMB e no Nordeste Paraense apresentam um organização produtiva própria do circuito superior marginal, por não apresentarem altos níveis tecnológicos e capacidade organizacional. Entretanto transformações produtivas, tecnológicas e diversificação do produto são fatores recorrentes na formação de um circuito superior da economia do açaí disseminada pelo Brasil e pelo mundo. Em grande parte, estas empresas se relacionam diretamente com as regiões produtoras de açaí, o que configura outro tipo de conexão urbano-rural por dentro deum modelo de comercialização por fora do eixo de comercialização tradicional da

economia do açaí. Para estas empresas mais modernas a fabricação de mix de açaí tem se intensificado com vista ao atendimento tanto do mercado regional como nacional e internacional.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, T. (1999). **Brasil nos anos 90: opções estratégicas e dinâmica regional.** *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, (2), 9-24.
- BAYLE, Emmanuel Eric Marie. **Estudo da cadeia produtiva do açaí e do cupuaçu.** Relatório Final. Programa de redução da pobreza e gestão dos recursos naturais do Pará. Governo do Estado do Pará: Programa Pará Rural, 2014.
- BECKER, B (1982). *Geopolítica da Amazônia: a nova fronteira de recursos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BECKER, B. **A Fronteira em fins do século XX: oito proposições para um debate sobre a Amazônia.** Espaço e Debates. São Paulo, v. 4, n.13, p. 59-73, 1985.
- CARDOSO, A. C. D.; FERNANDES, Danilo A.; BASTOS, Ana Paula V. **A inserção da RMB na Amazônia e na rede urbana brasileira.** In: CARDOSO, A. C. D.; LIMA, J. J. F.. **Belém: transformações na ordem urbana.** Letra Capital: Observatório das Metrôpoles. 1. ed. - Rio de Janeiro, 2015, p. 33 a 58.
- COSTA, F. (2012). *Formação agropecuária na Amazônia, o desafio do desenvolvimento sustentável.* Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA).
- COSTA, F de A., ANDRADE, W. D. C. de, SILVA, F. C. F. da. (2006) *O arranjo produtivo de frutas na região polarizada por Belém do Pará.* In: LASTRES, E. CASSIOLATO, J. (ORG) Estratégias para o desenvolvimento: um enfoque sobre Arranjos Produtivos Locais do Norte, Nordeste e Centro-Oeste Brasileiros. Rio de Janeiro: E-Papers.
- COSTA, F.A., ANDRADE, W. D. C., ANDRADE, A. M., LEONEL, M. C., BRANCHER, P., MAGALHÃES, R. S., BREDERODES, R. (2003) *A Cultura de Açaí no Brasil e no Pará: aspectos estruturais de produção e mercado.* Belém, Agência de Desenvolvimento Solidário-ADS/Amazônia.
- CORREA, R. (1987). **A periodização da rede urbana da Amazônia.** *Revista Brasileira de Geografia* (Rio de Janeiro), 4(3), 39-68.
- _____. **Interações Espaciais.** In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. **Explorações Geográficas.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 279-318
- CORRÊA, Roberto Lobato (2006). **Estudos sobre a rede urbana.** Bertrand Brasil. Rio de Janeiro.
- LENCIONI, S. (1994). **Reestruturação urbano-industrial no Estado de São Paulo: a região da metrópole desconcentrada.** In M. Santos, M. A. de Souza, M. L. Silveira (Orgs.), *Território: Globalização e fragmentação* (pp. 198-210). São Paulo: Hucitec.
- MACHADO, L. (1992). **Fronteira agrícola na Amazônia Brasileira.** *Revista Brasileira de Geografia*, 54(2), 27-55.
- MITSCHEIN, T., Miranda, H. & Paraense, M. (1989). **A urbanização selvagem e a proletarização passiva na Amazônia – o caso de Belém.** Belém: Editora CEJUP.
- MONTENEGRO, Marina Regitz (2014). **Globalização, trabalho e pobreza nas metrópoles brasileiras.** FAPESP. Annablume. São Paulo.
- MONTE-MÓR, Roberto Luís; LINHARES, Lucas. **Urbanização Extensiva: expressões no Brasil.** In: REIS, Nestor Goulart (organizador). **Sobre Dispersão Urbana.** Via das Artes, 1 ed. São Paulo, 2009.

- MORAES, R. B. (1984). Transformações Demográficas numa economia extrativa: Pará (1872-1920). Dissertação de Mestrado em História. Curitiba, UFPR.
- PEREIRA, J. (2006). **A Urbanização da Amazônia e o papel das Cidades Médias na Rede Urbana Regional**. In A. Cardoso (Org.), *O Rural e o Urbano na Amazônia: diferentes olhares em perspectiva*. Belém: Universidade Federal do Pará (UFPA).
- SANTANA, A. C.; COSTA, F. A. (2008) **Mudanças Recentes na Oferta e Demanda do Açaí no Estado do Pará**. In: SANTANA, A. C.; CARVALHO, D. F.; MENDES, F. A. T. *Análise Sistêmica da Fruticultura Paraense: organização, mercado e competitividade empresarial*. Belém: Banco da Amazônia.
- SANTOS, Milton. (2008) **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Edusp. São Paulo.
- _____. (1993) **A urbanização brasileira**. Hucitec, São Paulo.
- _____. (1997). *Metamorfose do Espaço Habitado*. Hucitec, São Paulo.
- TRINDADE Jr., S. (1998). **A cidade dispersa: os novos espaços de assentamentos em Belém e a reestruturação metropolitana**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.